

O leite de Sergipe

A produção sergipana, em 2007, foi de 296 milhões de litros de leite. Sergipe é o estado que mais tem crescido em termos percentuais no Nordeste, com média de 22,2% ao ano. A maior concentração de produtores está no Sertão

ROSÂNGELA ZOCAL

Sergipe é o menor estado do País. Com 22 mil km², sua área corresponde a 0,25% do território nacional, sendo recoberto em quase toda sua extensão por vegetação de Caatinga e por uma faixa de floresta tropical. Cerca de 85% do território está a menos de 300 m de altitude, com predominância de terras planas ou levemente ondula-

das. O clima é tropical, mais úmido próximo ao litoral e semi-árido no Sertão. Em algumas ocasiões, a seca no oeste do Estado pode se prolongar por quase um ano.

Sergipe tem na cana-de-açúcar sua principal atividade econômica. Devido à pequena extensão territorial, a pecuária é representada por um rebanho de apenas 1 milhão de bovinos,

sendo 196 mil cabeças de vacas ordenhadas. A atividade leiteira se desenvolveu na região do Semi-árido. Os municípios com maior volume são: Nossa Senhora da Glória, Porto da Folha e Poço Redondo. Juntos, eles produzem aproximadamente 80 milhões de litros.

A produção sergipana, em 2007, foi estimada em 296 milhões de litros de leite. Tal produção é oriunda, em sua maioria, de pequenos produtores, apesar de existirem também médios e grandes produtores de leite no Estado. A maior parte da produção é direcionada às queijarias, principalmente, para o fabrico de queijo coalho. A indústria queijeira levou desenvolvimento e melhores condições aos sertanejos, porém, apresenta problemas de natureza sanitária, havendo necessidade de adequação para que possa atender às normas vigentes. A maioria delas funciona de maneira clandestina.

Em Sergipe, a produção de leite está concentrada principalmente no Sertão. Na microrregião de Sergipana do Sertão de São Francisco são produzidos 191 milhões de litros, que correspondem a 63% do volume total estadual. Esta microrregião apresenta a mai-

or densidade de produção de leite por área: 35 milhões de litros por km² – o que representa mais do que o dobro da densidade da microrregião de Nossa Senhora das Dores (17 milhões de litros por km²), que vem em seguida. Outras microrregiões que se destacaram na produção de leite foram Propriá e Contiguiba, que produziram 237 milhões de litros, ou seja, 78% do leite do Estado (Figura 1).

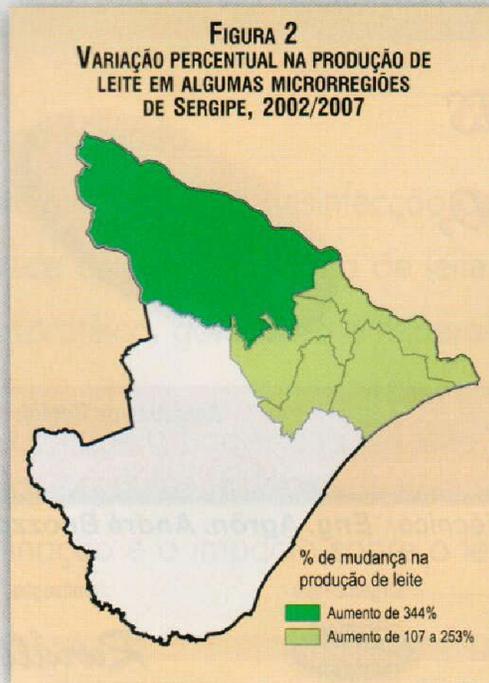
No período de 2002 a 2007, o crescimento da produção, em termos percentuais, em Sergipe, foi maior entre todos os estados do Nordeste, de 22,2% ao ano, o que significou um acréscimo de 184 milhões de litros de leite durante cinco anos ou uma média de 100 mil litros diariamente. O aumento da produção de leite se deu em todas as microrregiões do Estado. Na Figura 2, estão destacadas as microrregiões que apresentaram maior crescimento no período. A microrregião de Sergipana do Sertão de São Francisco, que mais produz, também apresenta o maior crescimento – de 344%, passando de 40,8 milhões em 2002 para 191,4 milhões em 2007. Apesar de não figurar entre as microrregiões mais produtivas, Japaratuba também cresceu bastante no período: 253% entre 2002 e 2007.

O governo de Sergipe está estabelecendo ações para o fortalecimento de cadeias produtivas da agropecuária, e uma delas se refere à bovinocultura leiteira. O propósito é consolidar as bacias leiteiras tradicionais do Estado, por meio da articulação com o programa de irrigação, de reativação de unidades de transformação industrial e do apoio à modernização das unidades artesanais de produção de queijo.

Rosângela Zocal é pesquisadora da Embrapa Gado de Leite.



A cada mês, ela publica em **Balde Branco** o perfil de um estado brasileiro na produção de leite. Sergipe é o décimo sétimo Estado analisado nesta seção.



BALDE BRANCO

ENTREVISTA
RODRIGO ALVINI
fala do atual momento e do futuro do leite

O que faz
uma fazenda
se transformar
em empresa



O que faz as
vacas de Israel
produzirem tanto

Probióticos são
bons também
para bezerras

Feno: produção
eficiente amplia
demanda

REPRODUÇÃO

A associação das novas técnicas de sincronização de cio com a de transferência de embriões tem melhorado as taxas de prenhez, acelerado a melhoria genética e reduzido os custos